

FENOMENOLOGIA E ARTE

Maldiney no Brasil

Nelson Aguilar

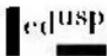
Organização, tradução e prefácio



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan

Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Directora-presidente Valeria De Marco

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero

Vice-presidente Carlos Alberto Barbosa Dantas

Carlos Alberto Ferreira Martins

José Roberto Castilho Piqueira

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Marta Maria Geraldês Teixeira

Mayana Zatz

Sandra Reimão

Tânia Tomé Martins de Castro

Valeria De Marco

Editora-assistente Carla Fernanda Pontana

Chefe Téc. Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Sumário

Agradecimentos	11
Prefácio: A Prova da Presença ▪ Nelson Aguilar	13
Introdução às <i>Obras Filosóficas</i> ▪ Jean-Louis Chrétien	31
O Filósofo que Tenta Compreender a Loucura	61
Curso na Unicamp	73
<i>Entremos in Medias Res</i>	73
<i>A Abstração</i>	88
<i>Espaço – Ritmo – Aberto</i>	103
<i>Abstração, Forma, Espaço</i>	121

- 139 Crítico Francês Liga El Greco a Aleijadinho
- 145 A Verdade do Sentir
- 163 O Paroxismal na Arte
- 187 Vazio e Arte
- 215 O Lugar da Obra de Arte: A Pintura de Tal-Coat
- 243 O Aleijadinho Arquiteto e Escultor

Outrora opunham-se antigo e moderno, hoje moderno e contemporâneo. Essas distinções comportam sempre um juízo de valor: hoje o contemporâneo somos nós; o moderno é o que vem de se acabar. Num sentido é verdade que há um moderno que vem de se acabar: o moderno que se queria moderno e que é reivindicado, em cada época, pelos que se acham (quantos!) na ponta da evolução. Se o homem contemporâneo se define igualmente por esse avanço, é carregado na mesma correnteza: pós-moderno é igual a pré-obsoleto. Há um quarto de século, o público podia ver um quadro de Picasso, enquanto hoje ainda não viu realmente Cézanne. Qual dos dois é moderno? Qual é contemporâneo? Esse gênero de distinções traduz sempre o narcisismo de uma geração que se crê a última e que envia todas as outras a um passado de regressão. Antes que a última, esta geração é a que Nietzsche chamava o penúltimo homem, o assassino de Deus e do homem, que precede o sobre-humano e que é “o mais feio dos homens”. A arte nos obriga a considerar de outra maneira a contemporaneidade de uma obra. Nela, somos contemporâneos de nossa origem, que é perpétua. Pois perpetuamente temos, para ser, que existir em nosso fundamento. E a arte revela a existência.

HENRI MALDINEY

ISBN 978-85-314-1663-7



9 788531 416637